

Sinopse Paracambi Imperial 2025

Enredo: Ngoma, o senhor da alegria

I

Em uma pequena aldeia Bakongo, à sombra de um grande embondeiro, onde os mais velhos se reuniam para contar histórias que o vento levava para os quatro cantos do mundo. Ali, sentado em um banco de madeira entalhada, estava Ntangu, o griot mais antigo da tribo. Seus olhos brilhavam como estrelas, e sua voz, embora rouca pelo tempo, carregava a sabedoria de gerações. As crianças se aglomeravam ao seu redor, ansiosas para ouvir a história que ele prometera contar naquela noite: a origem do mundo e dos homens.

Ntangu começou sua narrativa com um suspiro profundo, como se trouxesse à tona memórias que dormiam no fundo de sua alma.

— Há muito, muito tempo, antes de existirem rios, montanhas ou florestas, Nzambiapungo (ou Nzambi), o Ser divinal, reinava sobre o vazio. O grande criador e suprema entidade, vivia em seu palácio, o Templo da Criação, com suntuosos ornamentos de ouro e marfim. No entanto, apesar de sua grandeza, ele sentia uma profunda solidão, e desejando compartilhar sua existência com outros seres, decidiu criar um mundo onde a vida pudesse florescer e ser celebrada.

II

Nzambiapungo decidiu que era hora de dar forma ao vazio. Com sua sabedoria infinita, ele começou a moldar o mundo. Primeiro, criou o tempo, para que houvesse um ritmo e uma ordem nas coisas. Depois, trouxe à existência os elementos fundamentais: a terra, a água, o fogo e o ar. Com esses elementos, ele deu forma ao mundo físico. Criou um belo jardim, florestas, rios e animais. Ele não estava sozinho em sua obra, tinha os inquices (Nkisis), que eram responsáveis por diferentes aspectos da criação. Cada um deles contribuiu com seus dons e habilidades para dar vida ao mundo.

Um dia, cansado da solidão do poder e das tarefas da criação, Nzambiapungo foi tomado por uma tristeza tão profunda que considerou desistir de sua criação. Cogitava mesmo, o pai maior, interromper o curso do mundo.

III

Os inquices, seus filhos divinos, perceberam a angústia do Pai e decidiram agir. Cada um deles trouxe um presente para alegrar Nzambi e convencê-lo a continuar sua obra. Katendê, o Senhor da medicina da floresta, preparou um banho de folhas maceradas para refrescar o espírito de Nzambi. Nzaratempo criou as estações do ano, trazendo o calor do verão, a suavidade do outono, o frio do inverno e as floradas da primavera. Matamba, a dona dos relâmpagos, dançou no céu com seu balé espantoso, Nzambi gostou, mas não sorriu.

Ndandalunda mostrou a força das cachoeiras, e Gongobira encheu os rios de peixes coloridos, Nzambi gostou e agradeceu, mas continuou triste. Mutalambô, com sua destreza de flecheiro, caçou um pássaro gigante para oferecer ao Pai, Angorô pintou o arco-íris após uma chuva refrescante, e Lembarenganga preparou um cortejo de pombas, cabras e caramujos para celebrar a vida.

IV

Mas, apesar de todos os esforços, Nzambiapungo continuava triste. Foi então que Nzazi, o Senhor do fogo, decidiu agir. Ele consultou o oráculo, que lhe disse o que fazer. Nzazi sacrificou um bode branco, repartiu sua carne entre os inquices e, com a pele do animal, criou algo nunca visto. Ele pegou um tronco seco da floresta, tornou-o oco com o fogo e esticou o couro do bode sobre uma de suas extremidades. Assim, nasceu Ngoma, o primeiro tambor.

Quando Nzazi começou a percutir o couro com força e destreza, um som poderoso ecoou pelo vazio. Aluvaiá, o mensageiro entre os mundos, foi o primeiro a gingar ao ritmo do tambor. Em seguida, todos os deuses do Congo se juntaram à festa, dançando ao batuque sincopado de Ngoma. Foi a primeira celebração na manhã do mundo.

Nzambi finalmente alegrou-se com o fuzuê. Ele agradeceu a Nzazi e lhe deu o título de Xicarangomo, o tocador de tambor. E anunciou que a criação não pararia. "Que venham crianças, mulheres e homens para escutar Ngoma, cantar, dançar e alegrar a vida!", disse Nzambiapungo.

V

Ntangu fez uma pausa, olhando para as crianças ao seu redor, cujos olhos brilhavam de admiração. Ele continuou:

— Muito tempo depois um filho de Nzazi, foi capturado e lançado no ventre escuro de um navio. Esse negro do Congo chegou, acorrentado e cercado por centenas de outros, ao outro lado da Kalunga grande. Mesmo sob o peso das correntes, a dor e a morte envolvia seu povo, ele conseguiu levar para a terra de Tupã o Ngoma criado por seu pai. Ao desembarcar do outro lado do mar, subjugado – mas não vencido – pelo horror do cativo, o filho de Nzazi bateu com força no tambor, e com o poder do ritmo ancestral, ele convocou os deuses das matas, das esquinas e dos terreiros. Que vieram, atraídos pelo fervor das danças e pelo clamor das celebrações, e decidiram ficar. A generosa celebração dos filhos de Nzambi, no grande terreiro Brasil.

E o velho sábio seguiu:

— É por isso, meus pequenos, que nós, Bakongos, dizemos que Ngoma, o tambor, é o pai de todos os que transformam a dor em festa e liberdade. Ele nos lembra que estamos no mundo para celebrar a vida, para dançar mesmo quando o coração está pesado, e para encontrar alegria mesmo nas horas mais difíceis. E assim, as crianças da aldeia aprenderam que o tambor não era apenas um instrumento, mas um símbolo de resistência, alegria e união. E todas as noites, quando o som do tambor ecoava pela aldeia, ou quaisquer outras aldeias que se possa existir, elas sabiam que Nzambiapungo sorria lá do alto, feliz por sua criação continuar a celebrar a vida.

— Sua benção, Ngoma, nosso pai tambor! — concluiu Ntangu, erguendo as mãos para o céu. — Nós estamos no mundo para celebrá-lo!

Pesquisa e texto: Leandro Ramos.

*** Ao ler as palavras de origem Banto ou Bantu que se inicia pela letra “n”, deve-se desconsiderar a mesma, sendo assim Nzambiapungo, Nzazi, Ngoma, devem ser lidas como “Zampiapungo, Zazi, Ingoma entre outras.**

Glossário

- Bakongo – grupo étnico banto que vive na África Central, em Angola, na República Democrática do Congo e na República do Congo;

- Griot – é o nome dado aos contadores de histórias e mensageiros de algumas sociedades africanas. Os griots são responsáveis por preservar e transmitir a cultura e a memória dos antepassados, através da oralidade. Eles são uma figura emblemática e essencial para a coesão social;

- Nzambiapungo (Nzambi) – é o deus supremo da religião Bantu e do Candomblé Bantu, Nzambi é o criador do mundo e de tudo o que nele existe. É conhecido por vários nomes, entre eles: Ndala Karitanga, Nzambi ia Kalunga, Nzambi Ampungu;

- Inquices – são divindades da mitologia banta, originárias de Angola, que são cultuadas no Brasil pelo candomblé angola. A palavra inquice vem do quimbundo nkisi, que significa "sagrado";

- Katendê – na mitologia banto, é um inquice das folhas, agricultura e ciência. Sua cor é verde, e por estar associado às folhas, suas vestimentas e insígnias são ornamentadas com folhas verdes;

- Nzaratempo – é um dos inquices que desempenham papéis fundamentais na cosmovisão e na mitologia dos Bakongos. Ele é conhecido como o Senhor do Tempo ou o Regente das Estações, sendo responsável por trazer ordem e ritmo ao mundo através da governança das estações do ano. Sua atuação é essencial para o equilíbrio da natureza e para a vida dos seres humanos, que dependem dos ciclos naturais para sua sobrevivência e prosperidade;

- Matamba – na mitologia bantu, é uma inquice dos ventos, raios, tempestades e fertilidade. Seu nome deriva do Reino da Matamba, na África;

- Ndandalunda – é a inquice das águas doces, fertilidade, fecundação, ouro, amor, beleza e riqueza. Quiçá seu nome derivou do rio Lunda, localizado no norte do Reino Lunda;

- Gongobira – divindade do Candomblé Banto ou Candomblé de Angola, que representa a sensualidade, a riqueza, a fartura da pesca e da caça. Também é conhecido como Cabila;

- Mutalambô – é um inquice da caça, da fartura e da abundância, também conhecido como Cabila. É um Nkisi que vive em florestas e montanhas. É associado à natureza e é considerado protetor da mesma.

- Angorô – é o inquice do arco-íris, que traz a fertilidade do solo com suas chuvas. Também é a serpente de duas cabeças que liga o céu e a terra. Por ser andrógono, é por vezes chamadas Angoromea;

- Lembarenganga – é um nome que se refere ao inquice Lemba, que é o pai de todos os inquices. É o inquice da paz e da procriação. Na África, é considerado um espírito feminino que promove a procriação;
- Nzazi – é o inquice dos trovões e relâmpagos e a representação do equilíbrio do cosmo, vezes é chamado de Zaze-zaze. Representa a justiça e o fogo;
- Ngoma – é um tambor ritual usado em cerimônias de religiões de matrizes africanas. É construído com uma pele de animal esticada sobre um cilindro de madeira maciça escavado. Foi difundido por escravos africanos para todo o mundo, incluindo o Brasil;
- Aluvaiá – é um inquice da comunicação e do corpo humano e guardião da comunidade. Seu nome, genericamente, está ligado ao conjunto de procedimentos purificatórios;
- Xicarangomo – vem do quicongo nsika (tocador) + ngoma (tambor) = o tocador de tambor;
- Kalunga grande – é o mar, a enormidade de seu destino e de seu horizonte, o grande cemitério marinho que passou a ser chamado de Kalunga Grande pelas famílias africanas que testemunhavam seus parentes partirem.

Referências

- LUZARDO FILHO, Severo. Nzara Ndembu - Glória ao Senhor Tempo. Sinopse do enredo Grêmio Recreativo Escola de União da Ilha do Governador 2017. Disponível em <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/uniao-da-ilha-do-governador/2017/>
- MALDONADO PEIXOTO, Marcelo; SIMAS, Luiz Antônio. Tambor, o Senhor da Alegria. álbum Assim Tocam os Meus Tambores de Marcelo D2, 2020.
- MBITI, John S. African Religions & Philosophy. Editora: Heinemann, 1969.
- O Brasil nasceu da melancolia de Zâmbi. Crônica Mórula Editorial, 2018. Disponível em <https://morula.com.br/cronica/o-brasil-nasceu-da-melancolia-de-zambi/>
- PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. Os Bakongo de Angola: religião, política e parentesco num bairro de Luanda. Serviço de Comunicação Social. FFLCH/USP, São Paulo, 2008
- SIMAS, Luiz Antônio. Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros. Editora Mórula Editorial, 2013;
- VERGER, Pierre. Fluxo e refluxo: Do tráfico de escravos entre o golfo do Benim e a Bahia de Todos-os-Santos, do século XVII ao XIX; Companhia das Letras, São Paulo, 2021